



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**NARRADORES DA MARÉ: PERSPECTIVAS ECOLOGISTAS NAS
NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE VIDA DAS PANELEIRAS DE
GOIABEIRAS VELHA.**

Pauliano Roberto Martins da Silva¹

Soler Gonzalez²

Resumo: A pesquisa em andamento objetiva registrar saberes socioambientais a partir das narrativas e histórias de vida com foco nas Paineiras de Goiabeiras Velha, com amparo das Leis 10.639/03 e 11.645/08. A metodologia consiste em narrativas e histórias de vida, enfatizando as perspectivas ecologistas contadas pelas diferentes gerações das paneleiras de Goiabeiras Velha, como potencialidade política, histórica, pedagógica e ambiental no contexto da Educação.

Palavras-chave: Narrativas; paneleiras; perspectivas ecologistas.

¹ Autor. Graduando em História/Ufes. Bolsista PIBIC/Ufes. pauliano.martins@gmail.com

² Co-autor. Doutor em Educação/Ufes. Professor Adjunto do Centro de Educação/Ufes. solergonzalez2011@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Este Subprojeto está vinculado ao Grupo de Pesquisa (CNPq) “Território de aprendizagens autopoieticas” na Linha de Pesquisa “Ensino de Geografia e Educação Ambiental”, tendo como base o Projeto de Pesquisa “Narradores da Maré: Geografias dos manguezais capixabas e formação de professores/as”. Trata-se de uma continuidade nas pesquisas realizadas em subprojetos de Iniciação Científica.

O Projeto de Pesquisa “Narradores da Maré”, envolveu até o momento, aproximadamente 1.500 estudantes e 40 docentes de 3 escolas públicas da educação básica da rede municipal, e, 150 estudantes de graduação de licenciatura em Geografia e Pedagogia da Ufes, além dos *sujeitos praticantes* (CERTEAU, 2008) das comunidades pesqueiras tradicionais e grupos sociais, dentre os quais destacamos pescadores, desfiadeiras de siris, catadores de caranguejos, paneleiras de Goiabeiras Velha e ONGs da Baía de Vitória.

Desde 2014 o Projeto de Pesquisa “Narradores da Maré” desenvolve atividades articulando as disciplinas do Curso de Geografia-Licenciatura (Tópicos Especiais de Ensino I, II, III e Estágios Curriculares Supervisionados I e II), aproximando escolas e comunidades situadas em áreas de manguezais da Baía de Vitória, dentre elas, as comunidades dos bairros Ilha das Caieiras e Goiabeiras Velha.

As imagens presentes no texto são como narrativas visuais, dialogando com nossas apostas teóricas e metodológicas, e foram produzidas em 2015 pela ONG Engajamundo (www.engajamundo.org.) em parceria com o Projeto Narradores da maré e a Associação das Paneleiras de Goiabeiras Velha. Nesse sentido as imagens traduzem a dimensão ética, estética e política da pesquisa, trazendo para o texto os sujeitos e processos envolvidos na pesquisa.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**



Paneleira de Goiabeiras Velha
Fonte: ONG Engajamundo (www.engajamundo.org).

As atividades que serão desenvolvidas neste subprojeto envolvem as narrativas e as histórias de vida contadas pelas panelleiras do Bairro Goiabeiras Velha, com foco nas perspectivas ecologistas que atravessam as suas relações com a comunidade, a fabricação da panela de barro e os manguezais da Baía de Vitória.

Destacamos que as Panelleiras de Goiabeiras Velha são em grande maioria mulheres de descendências afro-brasileiras e da cultura africana e indígena, assim, ressaltamos que a pesquisa se ampara na Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Base nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no cotidiano da educação básica nas escolas públicas e privadas. Em 2008, a Lei 11.645 de 10 de março, incluiu a obrigatoriedade da História e Cultura Indígena.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**



Paneleira de Goiabeiras Velha
Fonte: Projeto Narradores da Maré

A Baía de Vitória atualmente constitui um Mosaico de Áreas Protegidas dos Manguezais (IPEMA, 2010), com cerca de 3.300 hectares, banhados pelos rios Aribiri, Bubu, Itanguá, Marinho e Santa Maria da Vitória, este último o principal manancial de abastecimento da região metropolitana da Grande Vitória, com cerca de 1.500.000 habitantes, constituindo-se no manguezal de maior área do Espírito Santo, envolvendo os municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra.

O mapeamento desse mosaico contou com a participação dos principais atores das instituições públicas municipais, estaduais e federais, da sociedade civil organizada, da iniciativa privada, das comunidades tradicionais e das instituições de ensino e pesquisa.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**



Paneleira de Goiabeiras Velha
Fonte: Projeto Narradores da Maré



Paneleira de Goiabeiras Velha
Fonte: ONG Engajamundo (www.engajamundo.org).

A Lei 9985/2000 que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), define uma Unidade de Conservação como espaço territorial com recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

Segundo a resolução nº 303 de 2002 do CONAMA, que regulamenta a lei nº 4.771/1965 do Código Florestal Brasileiro, os manguezais são Áreas de Proteção Permanente, e muitas são também as Unidades de Conservação em áreas de manguezais, sendo que o manguezal da Baía de Vitória apresenta cerca de 3.300 hectares, compondo as microbacias dos rios Aribiri, Bubu, Itanguá, Marinho e Santa Maria da Vitória, compondo a mais extensa área de manguezais do Espírito Santo e com algumas Unidades de Conservação (IPEMA, 2010).

No contexto jurídico dos manguezais da Baía de Vitória encontramos pistas que anunciam uma região de conflitos econômicos e culturais, pois os documentos legais afirmam ser proibido qualquer tipo de pesca de arrasto nos canais da Baía de Vitória, como é o caso do Decreto Municipal nº 8.060/1989. No final da década de 1970, foram surgindo os bairros da Região da Grande São Pedro a partir da ocupação e urbanização do lixão da cidade e da invasão de áreas de manguezais, sendo que, nas décadas seguintes, intensificaram-se os investimentos em urbanização e preservação ambiental.

Nesse sentido, partimos de algumas questões que consideramos fundamentais, para pensarmos as contribuições políticas, pedagógicas e ecologistas que perpassam as histórias de vida das paneleiras: quais as contribuições ecologistas (REIGOTA, 2013), pedagógicas, *éticas e políticas* (FREIRE, 2009) que perpassam e atravessam as narrativas e as histórias de vida contadas pelas paneleiras de Goiabeiras Velha e suas relações com os manguezais? Como as narrativas, as histórias de vida contadas e os saberes históricos, geográficos, culturais e socioambientais, das comunidades tradicionais, se relacionam com o ensino de Geografia e os manguezais da Baía de Vitória?

São problematizações que justificam a submissão deste subprojeto e fertilizam nossa curiosidade de pensar as possíveis contribuições político-pedagógicas e ecologistas que perpassam as vidas e as práticas culturais e cotidianas das



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

paneleiras, em suas relações com a fabricação das panelas de barro e os manguezais da Baía de Vitória.

Desse modo, foi possível cartografar e registrar por meio de imagens audiovisuais e fotográficas, as perspectivas históricas, geográficas, culturais e ecologistas encontradas e contadas, nas histórias de vida e nas narrativas das paneleiras de Goiabeiras, contribuindo com a formação docente, e de estudantes de graduação em Geografia, criando um movimento de pesquisa-formação dos/as professores/as, graduandos e comunidades tradicionais e escolares.

Para pensarmos as questões teóricas-metodológicas³ do subprojeto levamos em consideração algumas questões: Como dialogar, as *ecologias de saberes* (SANTOS, 2007) e as *perspectivas ecologistas* (REIGOTA, 2003) com a *Educação Ambiental autopoietica* (GONZALEZ, 2013, GONZALEZ e RAMOS, 2014)? Quais as contribuições *políticas, éticas* (FREIRE, 2009) pedagógicas e ecologistas dos que veem das *margens* (REIGOTA, 2013) dos manguezais, na formação de professores/as?

Este subprojeto apresenta aproximações e inspirações no *método cartográfico* (BARROS; PASSOS, 2010), nos estudos com os *cotidianos* (ALVES, 2008 e 2010; FERRAÇO, 2003) e nas *pesquisas narrativas* (REIGOTA, 2003), potencializando conexões e redes de saberes, na atitude política, ética, estética e metodológica de problematizar as perspectivas ecologistas encontradas nas narrativas e nas histórias de vida contadas pelas paneleiras de Goiabeiras Velha, em suas relações com os manguezais da Baía de Vitória.

Na primeira etapa realizamos uma pesquisa bibliográfica que visa alimentar e ampliar nossas experiências que tecemos com as paneleiras de Goiabeiras Velha até o momento, no sentido de estabelecermos os próximos encontros para a produção de dados, com inspirações metodológicas nas pesquisas narrativas e nas pesquisas com os cotidianos. Nessa etapa ouvimos e registramos narrativas, conversas e histórias de vida contadas pelas paneleiras de Goiabeiras Velha, com

³ Devido à limitação de páginas do texto as questões teóricas e metodológicas não foram aprofundadas neste artigo, sendo que o mesmo apostou em potencializar as narrativas e as imagens-narrativas produzidas até o momento atual.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

foco nos saberes históricos, geográficos, culturais e nas perspectivas ecologistas, encontradas nas suas relações com os manguezais da Baía de Vitória.

Na segunda etapa, que está relacionada e que complementa a etapa anterior, problematizamos as narrativas e as histórias de vida contadas pelas paneleiras de Goiabeiras Velha, enfatizando as ecologias de saberes (SANTOS, 2007) e as perspectivas ecologistas (REIGOTA, 2003), encontradas nas suas relações cotidianas com os manguezais da Baía de Vitória, como contribuição ética, estética e política na formação de professores/as e nas pesquisas em Educação Ambiental.

Como produção de dados no decorrer da pesquisa realizamos registros em diário de campo, registros fotográficos, audiovisuais, e na atitude metodológica e política, de assumirmos a condição de *pesquisador conversador no cotidiano* (SPINK, 2008), atento aos acontecimentos, pistas, saberes, tensões, conflitos e experiências que perpassam a vida das paneleiras de Goiabeiras Velha. Segue abaixo uma das narrativas e histórias de vida que foram capturadas com as cenas cotidianas no trabalho de campo da pesquisa.

Cena: Galpão das Paneleiras de Goiabeiras Velha: mulheres, tradição, devoção e saberes socioambientais.

No Galpão das Paneleiras tivemos nosso primeiro contato com o trabalho que iríamos desenvolver. Foi onde tivemos as primeiras conversas com essa comunidade tradicional, secular e organizada pelo trabalho feminino. Notamos que o Galpão e o bairro se confundem e se misturam, por conta da organização das famílias e da comunidade em torno da fabricação das panelas de barro e de outros utensílios. Na tradição, a atividade é passada entre as gerações das famílias, contudo, verifica-se a diminuição desta herança, como nos relataram: “Hoje nossas filhas não têm a vontade de se tornarem paneleiras, elas querem estudar e não vêem futuro em fazer panelas”. Devido a isso, podemos encontrar na Ufes, que fica na mesma região, muitos filhos e filhas de paneleiras e pessoas



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

ligadas ao processo de fabricação das panelas. O Galpão situa-se à beira do manguezal, que é essencial em todos os âmbitos para a vivência e sobrevivência destes grupos. As paneleiras vivem e sobrevivem dos manguezais: "A gente se preocupa muito com a falta de preocupação que as pessoas têm pelo mangue, porque a gente depende muito dele para viver". Por conta do imenso fluxo de curiosos e turistas no Galpão, que estão à procura de panelas de barro, utensílios e esculturas, elas se organizaram em boxes individuais, mas que mantêm seus laços parentais vivos. No galpão, dependendo do dia e da hora de visitação, podemos presenciar as diferentes etapas envolvidas na fabricação das panelas de barro, ou seja: a preparação das bolas de barro, a modelagem das panelas, utensílios e esculturas, o preparo da tinta de tanino, oriunda das cascas do mangue-vermelho, a queima das panelas e a comercialização para diferentes lugares do Estado, país e do mundo. No galpão estão reunidas as diferentes etapas da fabricação assim como as diferentes pessoas envolvidas no processo: "Tirador de Barro", "Casqueiro" e "Paneleiras"⁴. A partir dessas experiências iniciamos o mapeamento do local e pudemos conhecer um pouco das práticas que envolvem a fabricação das panelas de barro e dos saberes geográficos, socioambientais e culturais envolvidos. Segue alguns fios das conversas com as paneleiras: "É feito uma base com a grossura e diâmetro em que deve ser a panela", "Uso da cabaça para o melhor modelamento", "A panela é deixada para secar durante, em média, 4 horas, para depois colocar as alças", "A panela é deixada secando 4 dias ao sol", "A panela é lixada com uma pedra de rio", "A panela é colocada em uma cama de madeira e é queimada por cerca de meia hora", "As panelas são pintadas com a tintura de tanino, que é tirada da casca do mangue vermelho, com a ajuda de uma vassourinha de muxinga para a panela ficar preta, "Por último, para utilizar a panela, precisa untá-la com duas colheres de óleo, levá-la ao fogo até o óleo acabar e, após o seu resfriamento, ela estará pronta para ser utilizada". Portanto, encontramos os diferentes territórios que

⁴ Nomes que indicam etapas da fabricação das panelas de barro. O "Casqueiro" é quem retira a casca do mangue-vermelho, o "Tirador de Barro" é quem retira e prepara o barro e as "Paneleiras" são as artesãs que modelam e fabricam as panelas de barro.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

configuram a cartografia da panela de barro, assim como as temporalidades e conflitos envolvidos neste processo artesanal e de relevância histórica e cultural, com destaque para o fato de ser evidente também, a predominância do trabalho feminino, apesar de encontrarmos homens no ofício de confecção das panelas, o que faz com que as mulheres encabeçam a “hierarquia” do local e deste ofício que é também uma marca da nossa cultura capixaba.



Paneleira de Goiabeiras Velha
Fonte: Projeto Narradores da Maré

Consideramos que este Subprojeto potencializa, na atualidade, as ecologias de saberes e as dimensões históricas, geográficas, culturais e, principalmente, as contribuições ecologistas que permeiam as histórias de vida das panelleiras de Goiabeiras Velha, traduzidas em *narrativas ficcionais* (REIGOTA, 2003) que relacionam e aproximam às suas vidas, o ofício de fabricação artesanal das panelas de barro e os manguezais da Baía de Vitória, como dimensão ética, estética e política no contexto da educação ambiental e da formação de professores/as.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**



Paneleira de Goiabeiras Velha
Fonte: Engajamundo

REFERÊNCIAS

ALVES, N. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: SOUZA, E.C; MIGNOT, A.C.V. (Org). Histórias de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.

_____. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano II – artes de morar e cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GONZALEZ, S; RAMOS, A. T. Educação ambiental Autopoiética na vida cotidiana. **Textura**. Canoas/RS. v.16. n. 30. Jan/abr. 2014. p.86-106.

IPEMA. DOCUMENTO TÉCNICO. Subsídios para o processo de reconhecimento do mosaico de áreas protegidas do manguezal da baía de Vitória – Espírito Santo. Ivani Soares Zecchinelli, maio. 2010.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

REIGOTA, M. **Ecologistas.** Santa Catarina. EDUNISC, 2003.

_____. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias.** Rio de Janeiro:

ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em:
<<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>.

Acesso em: 31 jul. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** Editora Boitempo, São Paulo, 2007.

SPINK, P. K. **O pesquisador conversador no cotidiano.** Psicologia e Sociedade; 20, Edição Especial: 70-77. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.